



## Paulo de Tarso, apocalíptica e estoicismo: aproximações a respeito da vida após a morte

Leonardo dos Santos Silveira<sup>1</sup>  
Marcos José de Araújo Caldas<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo comparar as ideias de Paulo de Tarso a respeito da vida após a morte com dois escritos que expressam reflexões estoicas sobre o mesmo assunto. Tanto Paulo quanto os estoicos endossam uma transcendência da morte, onde pessoas justas alcançam uma forma mais elevada de vida depois que morrem. Busca-se, com esse procedimento, verificar semelhanças e diferenças. Para esse fim, trechos de duas cartas de Paulo serão utilizados: A Primeira Carta aos Tessalonicenses (capítulo 4) e a Primeira Carta aos Coríntios (capítulo 15). Em relação aos estoicos, os escritos utilizados serão: O sonho de Cipião no De Re Publica de Cícero, que tem como eixo o ensino estoico e, a ascensão de Metílio em Ad Marciam de Consolatione (Consolação a Márcia) de Sêneca.

**Palavras-chave:** Paulo de Tarso; Apocalíptica; Estoicismo; Cícero; Sêneca.

**Abstract:** This article aims to compare Paul of Tarsus' ideas about life after death with two writings that express stoic reflections on the same subject. Both Paul and the Stoics endorse a transcendence of death, where righteous people reach a higher form of life after they die. This procedure seeks to verify similarities and differences. For this purpose, excerpts from two of Paul's letters will be used: The First Letter to the Thessalonians (chapter 4) and the First Letter to the Corinthians (chapter 15). Regarding the Stoics, the writings used will be: The dream of Scipio in Cicero's De Re Publica, which has the Stoic teaching as its axis, and the rise of Metílio in Ad Marciam de Consolatione (Consolation to Marcia) by Seneca.

**Keywords:** Paul of Tarsus; Apocalyptic; Stoicism; Cicero; Seneca.

---

<sup>1</sup> Doutor em Teologia (Área de Concentração: Teologia Bíblica) pela PUC-RJ. Doutorando em Letras Clássicas (Linha de Pesquisa: Estudos Interdisciplinares da Antiguidade Clássica) pela UFRJ sob a orientação do professor Marcos José de Araújo Caldas..

<http://lattes.cnpq.br/0189603895335569>

Email: [prof.leosansil@gmail.com](mailto:prof.leosansil@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutor em Alte Geschichte História Antiga Multidisciplinar pela Universität Bonn. Professor Associado IV da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro e professor Adjunto do Departamento de Pós-Graduação em Letras Clássicas da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

<http://lattes.cnpq.br/0462102982176400>

E-mail: [marcos.caldas@gmail.com](mailto:marcos.caldas@gmail.com)





## Considerações Iniciais

As atuais pesquisas sobre Paulo de Tarso o situam no mundo judaico, mais precisamente no pensamento desenvolvido na apocalíptica judaica. A apocalíptica de Paulo está relacionada com a invasão de Deus neste mundo a fim de libertar os homens. Por causa disso, os pesquisadores muitas vezes se esquecem das relações do apóstolo com o helenismo, como o fato dele ter nascido e vivido em Tarso, onde o Estoicismo era a filosofia dominante.

Na história da pesquisa sobre as relações de Paulo com o helenismo, Albert Schweitzer, em 1930, asseverou a inutilidade de se recorrer ao helenismo para explicar o pensamento do Apóstolo. Segundo ele, “aqueles que se esforçam por explicar o pensamento paulino com base no helenismo são comparáveis a quem quer transportar de longe água em regadores furados para irrigar um jardim plantado às margens de um riacho” (SCHWEITZER, 1930 apud PENNA, 2009: 55). E ainda completa sua reflexão dizendo que “a maior parte daquilo que até agora foi adotado da literatura grega para explicar o mundo conceitual de Paulo, não lhe lançou as luzes que se esperava” (SCHWEITZER, 1930 apud PENNA, 2009: 55).

Schweitzer escrevia estas palavras especificamente a propósito da mística paulina, que segundo ele encontraria sua sustentabilidade somente no conceito de uma escatologia já realizada mediante a participação do cristão em Cristo ressuscitado (PENNA, 2009). Mas, com as pesquisas posteriores sobre Paulo, foi possível perceber alguns sinais da presença da filosofia estoica em suas cartas.

Dentre os pesquisadores pioneiros nesse caminho, encontra-se Abraham J. Malherbe, que percebeu essa relação em 1 Tessalonicenses, na obra *Paul and the Thessalonians: The Philosophic Tradition of Pastoral Care*. Segundo o autor, em muitos aspectos, os métodos de Paulo são semelhantes aos dos filósofos. Para Malherbe (1987), ao instruir os tessalonicenses sobre seu relacionamento com os não-cristãos, Paulo mostrou familiaridade com as atitudes sociais dos filósofos em relação aos seus convertidos. Mas também, Paulo era diferente dos moralistas, pois enquanto até mesmos os filósofos mais moderados afirmavam que era necessário ser duro em alguns momentos, Paulo se apresenta como consistentemente brando na maneira de falar.

Logo, o objetivo do presente artigo é trazer algumas dessas aproximações das ideias de Paulo de Tarso a respeito da vida após a morte com dois escritos que expressam reflexões estoicas sobre o mesmo assunto. Busca-se, com esse procedimento, verificar de maneira macro, semelhanças e diferenças. Para esse fim, trechos de duas cartas de Paulo serão utilizados: *A Primeira Carta aos Tessalonicenses* (capítulo 4) e *A Primeira Carta aos Coríntios* (capítulo 15). Em relação aos estoicos, os escritos utilizados serão: O sonho de Cipião no *De Re Publica* de Cícero, que tem como eixo o ensino estoico e, a ascensão de Metílio em *Ad Marciam de Consolatione* (*Consolação a Márcia*) de Sêneca.

## O Sonho de Cipião e a Ascensão de Metílio

Os escritos estoicos contêm elementos que são frequentemente apresentados em textos apocalípticos como avisos de destruição universal em que prometem uma renovação cósmica onde o fim do tempo da criação corresponderá ao tempo atual. Nos textos estoicos há referências a ascensões celestiais usadas para demonstrar a transcendência da morte, ou seja, a obtenção de uma forma de vida mais elevada. Embora haja uma variedade de pensamento entre os estoicos, dois textos ajudam a constatar a crença de que almas virtuosas continuam a sobreviver após serem separadas do corpo. O primeiro texto é o sonho de Cipião e, o segundo, a ascensão de Metílio.





O sonho de Cipião foi o único trecho que sobrou do Livro VI do *De Re Publica*, obra que Cícero começou a trabalhar em 54 a.e.c. A narrativa segue o modelo da virtude estoica (MAIA JÚNIOR, 2011). Embora todo o trabalho de Cícero mostre uma forte influência estoica, seu uso do sonho de Cipião, especialmente associa uma escatologia e cosmologia amplamente difundida a temas estoicos como conflagração.

Portanto, as análises e alusões de Cícero o levam além dos lugares comuns helenísticos em “um firmamento onde esses elementos giram em torno de um eixo da doutrina estoica” (COLISH, 1985: 95). Além disso, Cícero usa a visão escatológica do sonho do futuro para responder às crises políticas do primeiro século a.e.c. Temendo que sua classe fugiria da vida pública devido às novas políticas da era do Império, Cícero emprega a revelação de Cipião para sustentar “a visão de que apenas aqueles que beneficiam a cidade têm esperança de imortalidade” (PERKINS, 1984: 57).

Depois de se referir ao arrebatamento de Er, Cipião descreve sua própria experiência para demonstrar como as doutrinas do céu e da imortalidade da alma são conjecturas sensatas a serem consideradas em vez de ficções fantásticas a serem ridicularizadas (*Resp.* 6.2.2). Cipião começa por contar como ele estremeceu de terror quando o herói falecido, Africano, apareceu a ele em um sonho. Em resposta ao susto de Cipião, Africano exorta-o a banir seus medos. Então, Africano profetiza sobre as futuras vitórias de Cipião na Terra. Ele continua contando a Cipião sobre o lugar especial preparado somente para as almas no céu, onde os abençoados desfrutam da vida eterna. Aqueles considerados mortos ainda estão vivos – vivos que, em comparação com a vida no corpo mortal, estão mortos (*Resp.* 6.14).

Para provar isso, Africano convida o pai de Cipião, Lúcio Emílio Paulo, para juntar-se a eles. Ao ver Paulo, Cipião deixa escapar uma onda de lágrimas e Paulo responde abraçando seu filho e proibindo-o de chorar (*Resp.* 6.15). Cipião então implora a Paulo que o deixe se afastar de seu chamado da vida na Terra para se juntar a seu pai no céu. Paulo explica, no entanto, que a alma deve permanecer sob custódia do corpo para cumprir suas obrigações até que Deus considere liberá-lo. Portanto, em vez de deixar seu filho esquivar-se de seu compromisso cívico, Paulo chama Cipião para imitá-lo no cultivo da justiça (*Resp.* 6.16). Se Cipião o fizer, um dia ele também será capaz de viver com os justos para sempre.

Cipião começa a descrever detalhes cosmográficos. Ele diz que é capaz de ver o céu brilhando intensamente como um círculo de luz. Em todo lugar que ele olhava, via uma beleza maravilhosa. Cheio de admiração pela imensidão do universo, Cipião olha para baixo e decide como o tamanho da Terra é pequeno em comparação com a Círculo Lácteo (*Resp.* 6.16). Africano, no entanto, redireciona o olhar de Cipião para as nove esferas celestes: a última das quais é onde está o próprio sumo deus que retém e contém as outras (*Resp.* 6.17). Africano passa a explicar para Cipião, quão tolo é para uma pessoa perseguir a fama quando a vinda de conflagrações e inundações impedirão qualquer um de obter uma vida de longa glória: muito menos fama eterna. A medição da terra em anos pelo circuito de uma única estrela empalidece em comparação com o grande ano em que todas as estrelas retornam à sua configuração original (*Resp.* 6.23-24).

Portanto, em vez de buscar glória vã e evanescente, Cipião deve buscar as coisas celestes (*Resp.* 6.20) e colocar seu coração no céu onde ele encontrará sua recompensa (*Resp.* 6.25). Se Cipião parecer apenas no alto para contemplar este local de descanso eterno, ele ignoraria o rebanho vulgar ao seu redor e permitiria que a virtude o levasse à verdadeira glória (*Resp.* 6.25). Se seu espírito permanecer comprometido com as melhores atividades e se desprender dos prazeres corporais, logo ele voará para ao lar adequado da alma e morada permanente (*Resp.* 6.29). À luz dessa esperança, Cipião promete redobrar seus esforços para servir seu país (*Resp.* 6.26).

O sonho de Cipião termina, no entanto, com o que acontecerá se ele não o fizer. A terrível alternativa é sofrer punição e purgação com aqueles escravizados pelos desejos





sensuais. Quando os miseráveis morrem, em vez de subirem ao céu: eles voam perto da Terra. Por terem quebrado as leis dos deuses e dos homens eles serão torturados por muitas eras (*Resp.* 6.29).

No caso da ascensão de Metílio, o texto faz parte da obra *A Consolação a Márcia*, de Sêneca, contemporâneo de Paulo de Tarso e um dos principais representantes do estoicismo romano. A maioria dos pesquisadores concorda que 41 d.e.c. seria a data em que a obra foi concluída. Segundo Caroço (2011: 36),

O período de 39-41 parece compatível com as evidências internas da obra. Quando Sêneca consola Márcia pela morte do filho Metílio, faz notar que este último tinha morrido há três anos, e durante esse tempo ela não tinha conseguido encontrar consolo, nem sequer nos seus apreciados estudos; no entanto, desempenhou um papel considerável na republicação dos escritos históricos do pai (1.3-1.4); assim, esta actividade editorial da parte de Márcia data, provavelmente, de antes da morte de Metílio. Se datássemos a *Consolatio* no principado de Calígula, as obras de Cremúcio deviam ter sido republicadas em 37 ou, quando muito, em 38, e o *Ad Marciam* escrito três anos depois, c. 40 ou 41.

Logo, de acordo com o trecho da obra, quando o filho de Márcia, Metílio, morreu, ele ficou acima de seu cadáver apenas o tempo suficiente para ser livre de suas imperfeições. Uma vez purificada, sua alma rompeu seus limites para vagar através do universo e atravessar os espaços ilimitados da eternidade. Agora, Metílio vive em um lugar permanente onde todas as almas nobres são semelhantes uns aos outros, dos quais nada pode expulsá-lo. Tendo atingido uma paz eterna, ele está além das picadas da luxúria, do alcance da inveja e do escárnio. Ele não é mais atormentado pela raiva ou ferido por doença (*Marc.* 19.6).

Quando Metílio chega aos céus para habitar com almas abençoadas (*Marc.* 25.1), ele é recebido pela assembleia dos santos. Seu avô, Cremúcio Cordo, aparece para iniciar seu neto nos segredos da natureza. Com o verdadeiro e íntimo conhecimento, Cordo revela a Metílio as causas das coisas da celestialidade, induz-o a uma nova luz e o guia para os arcanos (*Marc.* 25.1–26.1). Por um momento, no entanto, Cordo faz uma pausa iniciando Metílio nesses mistérios para falar do alto com sua filha, Marcia. Ele a conforta, informando-a sobre o escopo das revelações de Metílio (*Marc.* 26.4). De sua celeste perspectiva, Metílio agora conhece os detalhes relativos à ascensão e queda dos futuros impérios e os detalhes da conflagração – quando toda a vida será extinta e toda a matéria brilhará na epirose (*Marc.* 26.6). Naquela época, as almas abençoadas que haviam participado da eternidade serão transformadas novamente em seus elementos anteriores (*Marc.* 26.7).

Portanto, Sêneca conclui o ensaio consolando Márcia. Ela deveria parar de derramar lágrimas inúteis. O filho dela está em um lugar melhor, onde ele agora conhece todos esses segredos.

### ***ITessalonicenses 4 e 1Coríntios 15***

A *Primeira Carta aos Tessalonicenses* é o mais antigo documento existente do Novo Testamento que fornece informações de como eram as primeiras comunidades cristãs e da mensagem inicial de Paulo. A composição do escrito se dá por volta de 49 d.e.c. e é destinada a uma igreja de gentios (1Ts 1,9-10), que continha possivelmente uma minoria judaica (BORING, 2016). Portanto, seu conteúdo reflete questões relacionadas a integridade do apóstolo, a hostilidade dos estranhos, a conduta moral e o problema da morte em vista da expectativa da vinda do Senhor (KOESTER, 2005).





Em vários pontos da seção final da carta, o autor remete os tessalonicenses de volta ao que eles já sabiam (1Ts 4,1-2.6.9; 5,1-2). Mas a mudança de linguagem em 1Ts 4,13 pode implicar que eles não receberam instrução prévia sobre esse tema ou que precisavam de mais instruções sobre o que já sabiam. O apóstolo se refere aos falecidos usando o eufemismo daqueles que adormecem (como em 1Ts 4,14-15; 5,10), embora não tenha reservas em chamá-los de “os mortos” (1Ts 4,16).

Em 1Ts 4,13-18, Paulo responde a uma pergunta dos tessalonicenses. O que acontecerá com “os mortos em Cristo”? A resposta implica que entre a fundação da igreja e o retorno de Timóteo, seu colaborador, algum membro ou membros da igreja morreram (1Ts 4,13). O autor da carta encoraja os adeptos a consolarem uns aos outros com o ensino sobre a vinda (*parousía*, *παρουσία*) do Senhor e a ressurreição dos mortos em Cristo (1Ts 4,18).

A palavra grega *parousía* significa comumente “chegada” ou “retorno” e fazia referência a chegada à cidade de generais conquistadores, oficiais importantes, emissários imperiais ou, acima de tudo, do imperador. Por isso, uma outra forma de traduzir seria por “visita” ou “visitação”. A principal visita era a do imperador, ocasião sempre muito especial para qualquer cidade (CROSSAN; REED, 2007).

A reconfortante parênese em 1Ts 4,13-17 está fundamentada nas palavras de Deus e de Cristo. As ações que asseguram a eterna constituição da comunidade: “Deus trará consigo os que dormem” (1Ts 4,14). Os que estiverem vivos na *parousía* “não precederá aqueles que caíram adormecidos” (1Ts 4,15), pois os vivos “serão arrebatados juntamente com eles nas nuvens para o encontro do Senhor nos ares; e assim estaremos sempre com o Senhor” (1Ts 4,17). Com isso, a morte não é uma ameaça para a comunidade.

Segundo Green (2002), a razão pela qual Paulo não quer que os tessalonicenses sejam ignorantes sobre o destino dos cristãos falecidos é que eles não podem sofrer como o resto dos homens, que não têm esperança. Um tema de muitas cartas de consolação, bem como de epigramas. O autor cita duas inscrições como exemplo: uma inscrição dizia: “Minha mãe, deixe de lamentar, pare de chorar e corte-se; Hades deixa de lado a piedade”, enquanto outra exortava, “não lamentem os falecidos” (GREEN, 2002, p. 195). A ideia não era que a morte fosse bem-vinda, mas sim que nenhuma reação humana à morte poderia mudar o que o destino ditava.

Crossan e Reed (2007: 160-161) sintetizam bem o significado da metáfora da *parousía* para Paulo. Segundo eles:

Significa que os cristãos ascendem ao céu não para ficar com Cristo lá em cima, mas para retornar com ele ao mundo transformado. Paulo não fala a respeito de um mundo escatológico ou de uma terra utópica aqui embaixo, mas apenas que todos os crentes serão “arrebatados... nas nuvens... para o encontro com o Senhor, nos ares. E assim estaremos para sempre com o Senhor”. A metáfora da *parousía* como visita estatal dá a entender que os que correm para aplaudir o governador que está chegando voltarão com ele para as alegrias da festa na cidade. Assim, também com Cristo. Provavelmente, Paulo subentendia que todos desceriam para habitar na terra purificada. A *parousía* do Senhor não tinha nada a ver com a destruição da terra e a conseqüente transferência para o céu, mas com um mundo no qual a violência e a injustiça seriam transformadas em pureza e santidade. E, naturalmente, como já mencionamos, um mundo transformado não exigiria apenas almas espirituais justas, mas corpos renovados.

O ensinamento dado pelo Senhor e que o apóstolo agora apresenta aos tessalonicenses é que os que ainda estiverem vivos, os que ficarem até a vinda do Senhor, certamente não precederão aqueles que adormeceram. Neste ponto de seu ministério, Paulo parece acreditar que permaneceria vivo até a vinda do Senhor (como também em 1Cor 15,51-52), embora admita que não saiba exatamente quando o dia do Senhor viria





(1Ts 5,1-2). O uso desta descrição dos crentes vivos pode implicar que alguns cristãos em Tessalônica morreram tragicamente na perseguição impulsionada por seus contemporâneos não convertidos (1Ts 2,14).

Já na *Primeira Carta aos Coríntios*, escrito posterior a *1 Tessalonicenses*, o apóstolo amplia suas reflexões sobre o corpo e a vida após a morte, ao tratar do tema da ressurreição. O capítulo 15, próximo do final da carta, é considerado o ápice do texto e a principal motivação para a permanência na fé e para a obediência às instruções dadas. A carta foi escrita em Éfeso perto do final do ministério de três anos de Paulo ali, seja no final de 56 d.C. ou, mais provavelmente, no início de 57, antes do Pentecostes (1Cor 16,8.19).

Quanto à ocasião da escrita de 1Coríntios, Fitzmyer (2008) considera os seguintes cinco pontos: (i) Paulo fala em 1Cor 1,10-12 sobre relatos de “dissensões” e “rivalidades” trazidos a ele por “algumas pessoas de Cloe”; (ii) Paulo menciona “os assuntos sobre os quais” os coríntios escreveram para ele (1Cor 7,1), embora a carta não exista mais, ela é respondida, começando no cap. 7; (iii) Paulo menciona o quão feliz ele está “com a chegada de Estéfanos, Fortunato, e Acaico” (1Cor 16,15-17), que por sua presença o lembraram da comunidade coríntia e “revigoraram” seu espírito. É possível que eles tenham levado relatórios sobre problemas e escândalos diferentes daqueles trazidos até eles pelo povo de Cloe e pela carta.

Os outros dois pontos mencionados por Fitzmyer (2008) são: (iv) Paulo também sabe de alguma forma do desejo dos coríntios de receber a visita de Apolo novamente. Ele escreve agora para assegurar-lhes que exortou Apolo a ir até lá “quando tiver oportunidade” (1Cor 16,12) e; (v) embora Paulo diga em 1Cor 4,21 que virá a eles “muito em breve”, ele eventualmente percebe que pode não ser imediatamente, porque ele tem que esperar até que Timóteo, a quem ele está enviando, volte para ele (1Cor 16,10-11).

Voltando especificamente ao capítulo 15, depois de dar suas respostas a várias perguntas que os cristãos de Corinto lhe enviaram na carta, ele agora passa a tratar da questão da ressurreição dos mortos. Segundo ele, “alguns” cristãos estavam dizendo que “não há ressurreição de mortos” (1Cor 15,12b). A discussão de Paulo sobre a ressurreição dos mortos é um tratado bem definido neste capítulo e se divide em quatro partes principais: (i) Uma introdução preparatória sobre o evangelho, que ele já havia pregado aos coríntios, e seu conteúdo: o *kerigma* básico sobre a morte e ressurreição de Cristo (1Cor 15,1-11); (ii) Crença na ressurreição vindoura dos mortos como enraizada na ressurreição de Cristo (1Cor 15,12-34); (iii) Como a ressurreição dos mortos acontecerá (1Cor 15,35-49) e; (iv) A ressurreição como vitória sobre a morte por meio de Cristo (1Cor 15,50-58).

Neste capítulo, conforme Soares (2009) Paulo utiliza de categorias helênicas em sua exposição e se distancia da ideia platônica de que o corpo estava destinado à destruição. Dessa maneira, o apóstolo afirma que o corpo sobreviverá à morte, pois ressuscitará em glória por Deus, de forma semelhante ao corpo de Jesus. Assim, o corpo não será destruído, mas transformado.

Soares (2009: 414) destaca o cerne da discussão do capítulo, ao mencionar que:

Na antropologia paulina de 1Co 15,35-53, tanto a vida no seu sentido mais básico (psíquica) quanto a vida espiritual (pneumática) eram corpóreas; entretanto, aparece certa tensão em sua concepção de homem. Nos versos 44 e 55, o corpo físico (*sôma psychikón*) é o corpo ordinário (carne e alma), ao passo que o corpo espiritual (*sôma pneumatikón*) é o corpo ordinário transformado pelo espírito. Este corpo transformado é o corpo ressuscitado (*egeíretai*). Dessa forma, com essas expressões antagônicas, o apóstolo ensina uma espécie de antes e depois da *parousía*.





Com as expressões *σῶμα ψυχικόν* e *σῶμα πνευματικόν*, bem como outras expressões presentes no texto, Paulo elabora um vocabulário para falar do corpo transformado, criando assim a partir de categorias helênicas, uma argumentação contra o conceito grego de imortalidade e, a partir dessas mesmas categorias, sistematizando o seu próprio conceito.

### Algumas aproximações entre os escritos

Os textos possuem a ideia de consolo e estímulo como ponta de partida. Aproximação mais direta encontram-se na Ascensão de Metódio quando comparado ao breve texto de Paulo em 1Ts 4,13-18. Outro ponto é que tanto Paulo quanto os estóicos endossam uma transcendência da morte, onde pessoas justas alcançam uma forma mais elevada de vida depois que morrem. Além disso, ambos baseiam essa crença em uma história de ascensão. Os estóicos desenharam seus entendimentos da vida após a morte da alma, por exemplo, a partir do mito de Er e do sonho de Cípião. Paulo, pelo contrário, baseia sua crença na ressurreição futura dos crentes na ressurreição de Cristo (1Cor 15,20).

Semelhante às esperanças de Cípião e Metódio, em breve, os crentes verão seus entes queridos que partiram novamente (1Ts 4,14). Na *parousía*, os mortos em Cristo ressuscitarão da sepultura e correrão para o céu (1Ts 4,13-14). Então, os crentes restantes os seguirão até encontrar o Messias no ar (1Ts 4,17). Paulo depois explica que o Espírito dará vida aos corpos mortais dos crentes, que serão transformados em um piscar de olhos (1Co 15,51-52).

Quando Paulo fala de um corpo espiritual (*sôma pneumatikón*, *σῶμα πνευματικόν*) ele fala da matéria espiritual altamente refinada que é superior em todos os aspectos e que não está sujeita a mortalidade. Seu distanciamento da ideia platônica pode aproximá-lo de concepções estoicas, pois conforme observou Engberg-Pedersen (2010: 15-19), o uso popular de “espírito” e “espiritual” tende a significar uma coisa imaterial e geralmente reflete o platonismo comumente conhecido, que é um dos tributários intelectuais da cultura ocidental. Mas no uso de Paulo, “espírito” parece sempre se referir a algo mais substancial e pode ser chamado de agir e ter uma propriedade real. Assim, ele concluiu que, também no pensamento estoico, “espírito” é mais uma substância altamente refinada do que totalmente imaterial. Dessa forma, ele propõe, que o uso de “espírito” por Paulo tenha relação com o uso estoico.

Mas, contra os retratos dos estoicos de apoteose de indivíduos sobre a morte, Paulo descreve uma iminente “teose” em massa na ressurreição final. Isso destaca como, em contraste com os estoicos, a preocupação com o indivíduo está indissolivelmente ligada à história da salvação como um todo.

### Considerações Finais

O artigo, ao observar elementos comuns entre os dois textos estoicos com os textos de Paulo selecionados, demonstrou o quanto de possibilidades de pesquisa podem ser ainda exploradas ao se comparar Paulo com a literatura greco-romana. Tal processo ratifica o quanto Paulo é um homem fruto de seu tempo, bem como claramente corrobora a ideia de fronteiras fluidas e da rejeição das concepções de cultura e identidade como categorias monolíticas, estáticas e impermeáveis.

Paulo, portanto, utiliza-se dialogicamente de algumas das categorias do ambiente greco-romano para se exprimir, estabelecendo vários ganchos com o pensamento e o imaginário helênico. Entende-se que esse procedimento ajuda a contextualizar a figura e





a obra de Paulo de Tarso, indo além das reflexões que apenas observam seu pensamento a partir do ponto de vista judaico.

## Referências

BORING, M. E. **Introdução ao Novo Testamento**. Volume 1: Questões introdutórias do Novo Testamento e Escritos Paulinos. Santo André (SP): Academia Cristã; São Paulo: Paulus, 2015.

CAROÇO, A. F. P. **‘Omnia humana caduca sunt’**: A Consolação a Márcia de Séneca. Mestrado em Estudos Clássicos. Portugal: Universidade de Lisboa, 2011.

COLISH, M. L. **The Stoic Tradition From Antiquity to the Early Middle Ages**. Leiden: Brill, 1985.

CROSSAN, J. D.; REED, J. L. **Em Busca de Paulo**. Como o Apóstolo de Jesus opôs o Reino de Deus ao Império Romano. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2007.

ENGBERG-PEDERSEN, T. **Cosmology and the Self in the Apostle Paul**. Oxford: Oxford University Press, 2010.

FITZMYER, J. **1Corinthians: A New Translation with Introduction and Commentary**. New Haven; London: Yale University Press, 2008.

GREEN, G. L. **The Letters to the Thessalonians**. Michigan: 2002 Wm. B. Eerdmans Publishing Co., 2002.

KOESTER, H. **Introdução ao Novo Testamento**. Volume 2. História e Literatura do Cristianismo Primitivo. São Paulo: Paulus, 2005.

MAIA JÚNIOR, J. A. O Sonho de Cipião no *De Re Publica*, de Cícero. **Scientia Traductionis**, n. 10, 2011, p. 241-257.

MALHERBE, A. J. **Paul and the Thessalonians**. The Philosophic Tradition of Pastoral Care. EUA: Wipf and Stock Publishers, 2011.

PENNA, R. Paulo de Tarso e os componentes gregos do seu pensamento. **Atualidade Teológica**, ano XIII n. 31, janeiro a abril / 2009, p. 55-91.

PERKINS, P. **Resurrection**. New York: Doubleday, 1984.

SOARES, D. O. A ressurreição corporal na tradição paulina: O sôma psychikón e o sôma pneumatikón. **Atualidade Teológica**, ano XIII, n. 31, janeiro a abril / 2009, p. 407-417.

